

ESTUDANTES UNIDOS EM PRAXE ACADÊMICA

Coimbra na rua

MAIS de 50 carros alegóricos demoraram ontem cerca de quatro horas a percorrer as principais ruas de Coimbra, dando assim corpo ao já tradicional desfile da queima das fitas, este ano assinalado pela ausência das esperadas e sempre tão apetecidas críticas políticas.

Apesar de bem comportados no que respeita à forma de olhar o poder instituído, os estudantes da Lusitana Atenas mantiveram o «mais comportamento» de sempre, a todos envolvendo com cerca de duas mil cervejas distribuídas e um não menos significativo número de garrafas de champanhe. No final podiam ver-se em plena Baixa, obviamente, monumentais bebedeiras.

Nos carros tomaram lugar os quatinistas, distribuídos consoante as suas Faculdades e reconhecendo-se pela diferenciação tanto das fitas como no ornamento das viaturas, todas elas decoradas com flores de papel na cor adequada.

A pé, seguiam, também de forma previamente combinada os calcoiros, aqueles que desse

modo singular prestavam homenagem aos mais velhos.

Para que a animação fosse a maior possível, e como não podia deixar de ser, não faltaram sequer os zés-pereiras.

Primeiro do passeio e depois, mais afoitos, dentro já do próprio cortejo, a «fúrica» mais jovem de Coimbra deu as mãos aos estudantes e engrossou o desfile que, por volta da Praça da República, já levava milhares de pessoas.

«Velhos» comandam operações

Mais imbúdos do espírito académico, os antigos alunos tomaram positivamente conta das operações, depois de terem igualmente conquistado direito a encabeçarem o desfile, fazendo-se transportar nos quatro primeiros carros.

Antigos elementos da Tuna Académica, que seguem a pé espalhados pelos intervalos entre as diversas viaturas, sempre que o entusiasmo amainava, lançavam ao ar as vozes e exigiam coro adequado.

Mesmo os antigos estudantes que por impossibilidade física não puderam participar no cortejo, não foram esquecidos pelos mais novos, os quais, sempre que passavam nas residências e vendo-os às janelas, logo lhes arrancavam lágrimas de emoção graças ao mágico grito de «eférrá».

Mes o que os antigos alunos não perdaram aos mais novos, foi a forma entusiástica como estes respondiam às saudações e mais tarde às «intromissões» dos membros dos diversos institutos, que eles demoraram anos a impedir que participassem no desfile, e essa mágoa acompanhou-os até ao fim da festa.

Como se de uma procissão se tratasse, pelas janelas e varandas viam-se inúmeras colchas, enquanto mãos mais nervosas iam deixando cair pela estrada garrafas de cerveja e de champanhe, que pouco depois eram recolhidas pelos quatro carros dos serviços de limpeza da cidade que seguiam atrás do desfile estudantil.

Enquanto isto, os cafés registavam enchentes de extravasar e nos passeios, havia quem não abdicasse de se sentar no seu banco atempadamente levado de casa.

VÍTOR CARVALHO
(TEXTO)
CARLOS ALBERTO
(FOTOS)

Calcoiros são como bebés

Contraste curioso foi proporcionado pela forma como os calcoiros se apresentavam, mais parecendo bebés com chupeta e tudo, ao pescoço, em comparação com o rigor da capa e batina, enquadrando o laço ou a gravata.

Festa com tradições enraizadas na tradição coimbrã, o cortejo académico foi mais uma vez alvo de opiniões diversas. Enquanto os mais velhos contestavam uma certa ligeireza de comportamento por parte dos mais novos, estes manifestaram-se à imagem daquilo que na realidade são, pouco se importando com as velhas tradições fortemente marcadas pela década de 60.

Sol a alta temperatura, e cerveja devidamente arrefecida pelo gelo que a acompanhava nos contentores de lixo apanhados

um pouco por toda a cidade, fizeram com que a animação fosse maior, daquela que as mesmas pessoas poderiam evidenciar em situação diversa.

É evidente, e não será de mais realçar, que os tempos são outros. Os objectivos dos estudantes também. Mas existe uma «praxe» que é importante preservar.

Que tudo se iria passar de forma um pouco diferente do que era habitual, foi logo visível quando os principais carros arrancaram do largo da Universidade.

No que diz respeito às personalidades políticas, duas únicas alusões: «Beleza por Beleza, a noosa é muito mais sexy» e «O Beleza sua bonitaça/Pueste os médicos no lugar/Agora vê lá se arranjas a massa/Para o estêgio nos pagar», era o poema escolhido pelos estudantes de Medicina, que aliás foram os mais criativos.

Nos mesmos carros, entretidos de amarelo, podiam ainda ler-se frases como: «Medicam'Este»; «Jumento val cu-Vento»; «Contra a SIDA, pilla eléctrica só brinca»; «Pasta à SIDA».

«A SIDA não se pega, introduz-se».

Quanto à Faculdade de Direito, nas suas inscrições mais interessantes, podiam ler-se: «Quando for grande, rouba mais dinheiro, para ter um carro mais porreiro»; «Ser ministro a tempo inteiro/Descansar não ter trabalho/É o que faz falta a um tal Pinheiro/Que tem cara de carvalho».

De resto, nada que se destaque, a não ser a frente de um carro de Engenharia, onde se lia: «O estudo é a luz da vida, poupe energia».

Ainda no que respeita às pala-

vas escolhidas para animar os carros alegóricos, mais uma vez os antigos alunos deram mostras de outro espírito inventivo.

Por exemplo, no carro dos estudantes de há 50 anos lia-se: «1937 — Eramos muitos, todos floridos. 1987 — Somos poucos, todos desflorados».

Por fim, e pese embora as condicionantes acima apontadas, os estudantes fizeram a sua festa. Aquela que queriam e que, não obstante não ter sido a que os mais velhos esperavam, mesmo assim deu para cerca de 22 horas (mais de cinco depois do desfile terminar) pelas escadas da estação de comboios haver, ainda muitos que não atinavam com o caminho de regresso a casa, aproveitando o fresco da noite e ao mesmo tempo retomando as muitas energias gastas.

FALTA DE AUTENTICIDADE DESILUDE OS MAIS VELHOS

«ISTO JÁ NÃO É O QUE ERA»

«ISTO já não é nada do que antigamente.» Com estas palavras um velho estudante de Coimbra, que ontem viajou no carro que transportava aqueles que há 30 anos só usavam capa e batina, desabafava para quem o queria ouvir a mágoa que o fez, a meio do percurso entre a Universidade e a Baixa coimbrã, abandonar o desfile.

Mas a opinião deste homem doutorado em Medicina era uma das muitas que o repórter escutou ao longo das 4 horas que o cortejo demorou na rua.

A ideia de que o desfile anual dos estudantes de Coimbra se está cada vez mais a tornar numa «festa da cidade» começou a ganhar corpo quando se soube que os seus custos eram suportados em grande medida pela autarquia, pelo Governo Civil e até mesmo pelo Governo Central, através dos seus departamentos da Cultura e da Educação.

Os mais descontentados atribuíram a esse facto a razão pela qual a crítica política, que costuma ser epítome dos estudantes de Coimbra, ter este ano sido quase que banida dos carros alegóricos.

Até no comportamento tido perante o desfile, ficámos com a impressão que muitos dos estudantes trocavam a nota na sua forma de expender a alegria.

Colocando a irreverência em plano secundário, a praxe foi «esquecida» ao ser permitido que os alunos dos institutos — até agora impedidos de participar no desfile — nela se incorporassem, perante o desespero dos mais acérrimos defensores dos velhos ideais académicos.

Direito abre excepção

Senhasamente a meio do desfile, os alunos do Instituto Superior do Serviço Social, com as suas vestes verdes e um cartaz bem ao alto, onde se liam as iniciais do seu estabelecimento de ensino, receberam dos seus colegas de Direito ordem de entrar na festa e de nada valeu a chamada da polícia, feita pelos dirigentes da Associação Académica. O facto estava consumado e os civícos disseram não poder fazer.

Aliás, e pelo que nos apercebemos, poucos eram os elementos da população não estudantil que compreendia aquilo que achavam uma discriminação. «Se somos nós, o povo, quem paga a festa, achamos que eles nela devem entrar, visto que são estudantes como os outros», afirmou, alto e bom som, um velho coimbrão, quando os alunos dos institutos de Agronomia e de Economia finalmente tomaram a cauda do desfile.

Os que esperavam os habituais confrontos ficaram desiludidos. Todos deram as mãos e comungaram da mesma festa. Festa essa, que no dizer da voz anónima que referimos no início da peça, cada vez é menos dos estudantes, para passar a ser daqueles que a usam para dar lugar a formas de manifestação que doutra maneira não teriam.

Valha, no entanto, a verdade dizer-se que Coimbra tomou bem em mãos aquilo que os estudantes parecem estar a perder, ganhando para si uma interessante manifestação cultural (ou recreativa) que já conquistou o interesse de muitos estrangeiros.

Diá

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Organização estudantil - Queima das fitas

